

# “A fotografia é inquieta”

*Programação rara: o projeto Foto em Cena está sendo realizado no Museu Histórico Abílio Barreto. Oportunidade de ver e conversar sobre fotografia, linguagem muito praticada, mas raramente discutida. Os próximos eventos, nos dias 26 e 28, têm como convidados, respectivamente, Cristiano Mascara e Márcio Scavone. O coordenador da atividade é Eugênio Sávio, fotógrafo e professor de fotografia na PUC Minas, formado em jornalismo pela UFMG e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRI. Nesta entrevista ao repórter Walter Sebastião ele fala sobre fotos, fotógrafos, acervos e livros de fotografia.*

**ESTADO DE MINAS – Poderia falar dos objetivos do projeto Foto em Cena?**

**Eugênio Sávio** – O Foto em Cena está trazendo a Belo Horizonte fotógrafos nacionais com trabalhos reconhecidos, para mostrar suas obras e dialogar com o público. Como os custos de uma exposição são muito altos, a circulação da produção fotográfica no País é limitada. Nosso projeto dá a oportunidade ao fotógrafo de mostrar sua obra e trocar experiências. Estamos

sensibilizando e atraindo novos públicos para conhecer melhor a linguagem fotográfica. O projeto prevê mais seis convidados em 2004, mas estamos com dificuldade para captar recursos, mesmo tendo o projeto sido aprovado na lei municipal de incentivo à cultura.

**A que você atribui o renovado interesse pela fotografia?**

**ES** – O interesse vem do impacto que a fotografia tem e pelo tratamento mais contemporâneo dado às obras. Nas galerias, nada de fotos 30x40 na moldura, mas formatos grandes, enormes às vezes. E, principalmente, a incorporação do subjetivo aos trabalhos, deixando de lado a obrigação documental. O bom da fotografia é poder ser e não ser verdade. É essa contradição que nos faz pensar.

**Qual o maior problema e o maior mérito da fotografia brasileira?**

**ES** – Problema: a falta de recursos públicos na cultura com conseqüências para a área da fotografia. Sou de uma geração que aproveitou muito o bom momento do Instituto Nacional de Fotografia da Funarte (RI). Formei-me fotógrafo com referências que obtive nas galerias, nas publicações e festivais promovidos na década de 80. Hoje eu nem sei se o instituto ainda existe, não tenho notícias. O mérito da fotografia brasileira é que, apesar dos problemas, está conseguindo avançar, encontrar alguns espaços e se mostrar inquieta e contemporânea. A iniciativa privada percebeu isso e empresas e institutos culturais privados vão tentando ocupar esse espaço. Mas a lógica do investidor cultural não é a mais fomentadora de novos talentos e privilegia o que já está estabelecido.

**Já temos boas coleções de fotografia em instituições públicas?**

**ES** – O Masp tem uma bela coleção de fotografia. Há mais de dez anos vem formando um acervo com o apoio da Pirelli, que anualmente injeta recursos para a incorporação de novas obras. O Instituto Moreira Salles também se tornou uma instituição que dedica grande atenção à fotografia. Há no Rio de Janeiro um espaço muito bem equipado, com ambientes apropriados para coleções. Eles têm um enorme acervo, compreendendo obras do século XIX (como a belíssima coleção de Gilberto Ferrez) até obras contemporâneas de brasileiros como Juca Martins e Cristiano Mascara. Existem ainda coleções importantes de fotógrafos estrangeiros que se instalaram no Brasil, como Maureen Bisilliat, Marcel Gautherot e Madalena Schwartz.

**Que livros sobre fotografia informam, educam e evitam mal-entendidos?**

**ES** – Acho que quem quer entrar no universo da fotografia precisa conhecer um pouco do que a fotografia brasileira já produziu. Uma boa referência foi editada no final do ano passado: *Labirinto e Identidades: Panorama da Fotografia no Brasil*, da Cosac & Naify, com organização de Rubens Fernandes Júnior. Fernandes é crítico de fotografia e pesquisou a fotografia brasileira da segunda metade do século passado, e o resultado acabou se transformando um livro. Dá para conhecer estilos e vertentes diversas – todas de grande qualidade – na fotografia brasileira. E *Imagens da Fotografia Brasileira 1 e 2* editados pela Estação Liberdade, de Simonetta Persichetti. Ela entrevistou cerca de 30 importantes fotógrafos brasileiros. É uma boa oportunidade para saber o que pensam esses artistas.

“

A lógica do investidor cultural não é a mais fomentadora de novos talentos e privilegia o que já está estabelecido”